

# ANTI-NOSTALGIA E A MASCULINIDADE TÓXICA NA OBRA DE MICHEL LAUB E LUIZ RUFFATO

ANTI-NOSTALGIA AND TOXIC MASCULINITY IN THE WORK OF MICHEL LAUB AND LUIZ RUFFATO

Rex P. Nielson<sup>44</sup>

**RESUMO:** Este artigo examina as expressões da identidade heterossexual masculina presentes em o *Diário da queda* de Michel Laub e *Inferno Provisório* de Luiz Ruffato. A masculinidade heterossexual é quase sempre orientada para o passado (ao contrário do feminismo, quase sempre orientado para o futuro), e Michel Laub e Luiz Ruffato revelam uma profunda sensibilidade à orientação retrógrada da masculinidade, explorando as manifestações tóxicas da masculinidade contemporânea: violência masculina e agressão, medos masculinos de sentir ou expressar emoção, medos masculinos de emasculação, destacamentos masculinos de relacionamentos comprometidos, etc. Ao fazê-lo, esses autores desafiam narrativas típicas de masculinidade que idealizam o passado. Em vez disso, esses autores apresentam narrativas orientadas para o passado que são essencialmente anti-nostálgicas. Ao fazê-lo, tanto Laub quanto Ruffato adotam as estratégias do feminismo para transformar a orientação do masculino no futuro.

**PALAVRAS-CHAVE:** masculinidade tóxica; Michel Laub; Luiz Ruffato

**ABSTRACT:** This paper examines expressions of male heterosexual identity present in Michel Laub's *O diário da queda* and Luiz Ruffato's *Inferno Provisório*. Heterosexual masculinity is nearly always oriented towards the past (unlike feminism, which is nearly always oriented towards the future), and Michel Laub and Luiz Ruffato both reveal a keen sensitivity to masculinity's backward-looking orientation by exploring contemporary masculinity's toxic manifestations: male violence and aggression, male fears of feeling or expressing emotion, male fears of emasculation, male detachments from committed relationships, etc. In so doing, these authors challenge typical narratives of masculinity that idealize the past. Instead, these authors present past-oriented narratives that are essentially anti-nostalgic. In doing so, both Laub and Ruffato adopt the strategies of feminism in working to turn masculinity's orientation towards the future.

**KEYWORDS:** toxic masculinity; Michel Laub; Luiz Ruffato.

---

<sup>44</sup> Doutor em Estudos Portugueses e Brasileiros pela Brown University. Professor Doutor em estudos portugueses e brasileiros na Brigham Young University, Provo, UT, Estados Unidos. E-mail: [rex\\_nielson@byu.edu](mailto:rex_nielson@byu.edu)

Uma análise da história dos estudos da masculinidade como campo de pesquisa nos remete às origens do pensamento feminista. Como observa francamente a estudiosa Judith Kegan Gardiner que diz: “Misogyny created feminist theory, and feminist theory has helped create masculinity” (GARDINER, 2002, p.36). Esta visão indica o quanto os estudos da masculinidade devem ao pensamento feminista. Durante o século vinte, enquanto as ativistas e escritoras feministas tentaram entender, desvendar e, ao final de contas, desafiar as forças institucionais e sociais que privilegiaram e continuam a privilegiar homens e ao mesmo tempo oprimir mulheres, estas ativistas e escritoras recorreram aos campos interdisciplinares de estudos culturais e o pensamento pós-estruturalista para estabelecer um quadro teórico que interpreta o gênero e as categorias do masculino e do feminino como construções sociais. Em outras palavras, a teoria feminista promoveu a ideia de que, segundo Gardiner, “masculinity and femininity are loosely defined, historically variable, and interrelated social ascriptions to persons with certain kinds of bodies” (GARDINER, 2002, p. 35). Em outras palavras, o conceito da masculinidade é útil como uma ferramenta heurística—um conceito que nos permite identificar o que significa ser masculino em um determinado momento e lugar.

Entretanto, enquanto o feminismo e os estudos da masculinidade partem de uma genealogia filosófica comum, eles diferem de várias maneiras. Mais de um crítico já notou a dimensão essencialmente utópica da crítica feminista. Os feminismos olham para frente para um momento futuro, ainda não realizado, de igualdade de gênero e o fim de opressão em todas as suas formas. A teoria feminista, a crítica feminista, e suas ações políticas e sociais contemplam a implementação formal de leis além de outras transformações sociais e culturais que vão proporcionar mudanças no tratamento de mulheres. Em contrapartida, a masculinidade é frequentemente caracterizada por uma

orientação para o passado e as falências dos homens, combinado com uma nostalgia por algum modo idealizado e perdido de comportamento masculino. Gardiner afirma: “Masculinity is a nostalgic formation, always missing, lost, or about to be lost, its ideal form located in a past that advances with each generation in order to recede just beyond its grasp” (GARDINER, 2002, p.10). Outros críticos têm comentado também este modo nostálgico que define o discurso da masculinidade.

No início dos anos 90, intelectuais feministas temeram que o campo crescente de estudos da masculinidade, com sua orientação para o passado, de fato teria o efeito de reinscrever o poder, autoridade, e posição do corpo masculino, branco e de classe-média, à custa de mulheres e minorias. Por exemplo, no seu estudo *Female Masculinity*, Jack Halberstam oferece uma crítica da tendência de vários estudos sobre a masculinidade de pôr no centro (ou “recentralizar”) o corpo masculino branco. No entanto, durante a última década, o campo do estudo da masculinidade amadureceu e hoje é um campo independente dinamizado pela teoria queer, os estudos de raça, o pensamento pós-estrutural, e pelas várias vertentes do feminismo. Os cientistas sociais e críticos literários cada vez mais reconhecem as maneiras em que a masculinidade hegemônica influencia homens e mulheres. O cientista Gary Barker afirma, em relação à masculinidade no Brasil: “For the most part, researchers have not adequately studied how men are also subject to the forces of machismo and to stereotyped notions about what is correct behavior for a man” (BARKER, 1997, p. 168). E Luiz Valente também já escreveu sobre as consequências psicológicas prejudiciais da masculinidade no Brasil, onde “men appear as vulnerable to the ills of the patriarchal order as women” (BARKER, 1997, p. 12). Estes críticos apontam para lacunas em nosso conhecimento e à necessidade de desenvolver uma compreensão mais sofisticada, flexível e variada da construção de masculinidade no Brasil.

Mesmo assim, qualquer estudo pormenorizado da masculinidade

hegemônica e das maneiras em que a masculinidade dá estrutura à sociedade deve considerar as origens históricas que produziu a masculinidade hegemônica. Em outras palavras, ao mesmo tempo que contemplamos o futuro da masculinidade e sua expressão na cena contemporânea, o estudo da masculinidade permanece orientada para o passado, e esta orientação histórica tem sido ainda mais evidente e acentuada na era de #timesup, #metoo, e #nãoéñão, quando o comportamento masculino está recebendo cada vez mais escrutínio e atenção crítica.

É neste contexto que este trabalho examina a expressão da masculinidade presente na obra *O diário da queda* (2011) de Michel Laub e *Inferno Provisório* (2016) de Luiz Ruffato. A ficção de Michel Laub e Luiz Ruffato revela uma sensibilidade aguda em relação à orientação retrograda da masculinidade ao analisar as manifestações tóxicas da masculinidade contemporânea: manifestações que incluem a violência e agressividade masculina, o medo masculino de sentir ou expressar emoção, o medo masculino em relação à emasculação, o distanciamento e por vezes desinteresse do ser masculino em relação aos relacionamentos comprometidos, etc. Ao fazer isto, os dois escritores desafiam narrativas da masculinidade que idealizam o passado. Em vez disto, estes escritores apresentam narrativas orientadas para o passado que são, na sua essência, anti-nostálgicas. Quer dizer, tanto Laub quanto Ruffato adotam as estratégias do feminismo para tentar inverter a orientação da masculinidade para o futuro. Assim, apesar do fato que ambos *O diário da queda* de Michel Laub e *Inferno provisório* de Ruffato ambos têm sido caracterizados como “narrativas de nostalgia” ou “meditações sobre a perda” ou “tentativas de reconstruir o passado” ou “memórias de saudade” ou ainda “a retas da saudade”—os dois romances podem simultaneamente ser considerados utópicos por natureza, ou seja, os dois romances resistem e subvertem a opressão e violência passada da masculinidade hegemônica ao contemplar um futuro utópico. Esta masculinidade utópica opõe-se aos

estereótipos masculinos e denuncia a agressão sexual, a violência, a repressão de mulheres, e a intransigência. É uma masculinidade afetiva que promove conexão e intimidade em vez de competição e hierarquia. É uma masculinidade perturbadora e até revolucionária que critica a ordem naturalizada e invisível.

Em um sentido fundamental, a obra de Laub e Ruffato está sintonizada, ou melhor, sensibilizada aos efeitos da masculinidade hegemônica. Nos finais dos anos 90, a expressão “a masculinidade tóxica” originou-se nos Estados Unidos, sendo utilizada por ativistas e estudiosos tentando dar nome aos efeitos negativos da masculinidade hegemônica. Apesar das conquistas do feminismo no Brasil para promover igualdade entre homens e mulheres e para proteger e defender os direitos de vários grupos marginalizados, os efeitos negativos da masculinidade hegemônica continuam a estender a todos os cantos da cultura brasileira.

Uma breve definição de termos ajuda a estabelecer o contexto teórico. A “masculinidade hegemônica” apresenta uma imagem da masculinidade definida por poder. É caracterizada por um controle total de emoções. Uma tendência de arriscar-se ... o eu como “risk-taker.” O exercício de poder sobre mulheres: no trabalho, na casa, na rua e até na fala (o “mansplaining” por exemplo). A masculinidade hegemônica valoriza independência e auto-suficiência: é um perfil de alguém que não precisa de ajuda. É definida por um desprezo pelas minorais, desprezo por homossexualidade. É caracterizada por uma busca por status e prestígio. O termo a “masculinidade tóxica” está sendo utilizado cada vez mais para descrever os efeitos negativos desta masculinidade hegemônica: a masculinidade tóxica promove relações homem-mulher que são competitivas em vez de serem cooperativas; homens não podem entender mulheres (e vice-versa) incompreensão (às vezes deliberada); a falta de emoção, com uma exceção: a raiva / cólera / fúria é a única emoção permitida; homens não podem ser às vítimas de abuso e é vergonhoso / indecente / desonroso ser visto como

tal.<sup>45</sup> Homens fazem sexo, homens não têm relacionamentos. Homens não são envolvidos nas vidas de seus filhos. Homens querem controlar o lugar de trabalho, a casa, etc. Homens respondem de modo violento à sugestões de que não se conformam aos padrões de gênero. Desafortunadamente, a masculinidade tóxica é uma condição que define as questões de gênero não apenas nos anos mais recentes mas mesmo antes do termo sendo inventado.

Em 1972, em um artigo descrevendo as características gerais da literatura brasileira contemporânea, o crítico Fábio Lucas definiu a literatura contemporânea nos seguintes termos:

Preferência por **personagens solitários**; **O mecanismo dos desencontros**; A busca de algo inatingível; **Exploração do absurdo e do vazio**; Análise das enganadoras **aparências e máscaras** que o homem tende a assumir em sociedade; **Expressionism**: o indivíduo deixa de ser observado pelos seus valores sociais, torna-se consciente de seu isolamento e deve intensificar isso a um estado de auto-denúncia ou auto-desprêzo; **A violência**; **Questionamento de autoridade**; **Questionamento de moralidade**; Brutalismo; O Híper-realismo. (#, grife meu)

Paralelamente, em 2009, Karl Erik Schøllhammer notou algo semelhante em relação à produção literária contemporânea ao dizer que é “uma literatura que lida com os problemas do país e que expõe as questões mais vulneráveis do crime, da violência, da corrupção e da miséria” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 14). É uma literatura definida por um “franco compromisso com a realidade social, tendo, como foco preferencial, as consequências inumanas da miséria humana, do crime e da violência (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 22).

---

<sup>45</sup> Há uma série de estatísticas confirmadas e descobertas por cientistas sociais que revelam verdades chocantes em relação à masculinidade tóxica. Por exemplo, entre homens e mulheres o índice de divulgação de terem sido abusado como crianças é: Mulheres: 80% / Homens: 15%. O período de tempo entre o abuso e sua revelação: Mulheres: 5 anos / Homens: 25 anos. O índice de abuso para homens é 1 de 7. Rapazes/meninos são mais susceptíveis de ser abusados fisicamente como crianças (CEC). Estas estatísticas indicam que é menos provável que homens vão buscar ajuda depois de terem sido violentado apesar do fato que sofrem abuso. (Ver Easton)

O que chama atenção nos colocamentos de Fábio Lucas e de Karl Erik Schøllhammer é o que suas caracterizações da literatura contemporânea têm em comum com a definição da masculinidade tóxica. O isolamento de personagens, a falta de compreensão, a exploração do indivíduo, a violência, o brutalismo, etc. Em outras palavras, uma maneira de mapear, descrever, definir e caracterizar a literatura contemporânea seria dizer que é uma literatura que retrata e reage à masculinidade tóxica.

A obra dos escritores Michel Laub e Luiz Ruffato pode ser igualmente caracterizada como uma representação e reação à masculinidade tóxica. Schøllhammer sugere que Ruffato e Laub representam duas vertentes distintas na literatura brasileira. Por um lado, Ruffato representaria “a perspectiva de uma reinvenção do realismo, à procura de um impacto numa determinada realidade social, ou na busca de se refazer a relação de responsabilidade e solidariedade como problemas sociais e culturais de seu tempo” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15). Por outro lado, Laub faria parte de uma aproximação literária ao mais cotidiano, autobiográfico e banal, o estofo material da vida ordinária em seus detalhes” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15). Ou seja, “por um lado haveria a brutalidade do realismo marginal” e por outro lado “a graça dos universos íntimos e sensíveis, que apostam na procura da epifania e na pequena história inspirada pelo mais dia, menos dia de cada um” (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15). Mesmo assim, e apesar de suas diferenças de estilo, os dois escritores manifestam um interesse grande em desmascarar os efeitos da masculinidade tóxica na sociedade.

Considera, por exemplo, o romance de 2011 *Diário da queda* de Michel Laub. O romance apresenta uma narrativa em primeira pessoa de um homem refletindo sobre alguns eventos marcantes de sua vida, e sobretudo de sua adolescência. A orientação da narrativa é voltada para o passado desde as primeiras páginas do diário, em que o narrador estabelece uma base para entender sua própria vida por falar das suas origens: a vida de seu pai, e a vida

de seu avô. Ao mencionar o fato que seu avô sobreviveu as atrocidades de Auschwitz, o narrador diz: “então nem por um segundo me ocorreria repetir essas ideias se elas não fossem, em algum ponto, essenciais para que eu possa também falar do meu avô, e por consequência do meu pai, e por consequência de mim” (LAUB, 2011, p. 9). O romance começa na narração de sua adolescência, aos treze anos: um período chave de transição, mas também de incompreensão. Contudo, o momento de narração, já é outro em que o narrador, mais experiente e mais maduro, está refletindo sobre o que aconteceu. Ele admite que viveu em um estado de inocência: “Aos treze anos eu nunca tinha tido uma namorada. Eu nunca tinha ficado doente de verdade. Eu nunca tinha visto alguém morrer ou sofrer um acidente grave” (LAUB, 2011, p. 12).

Em seguida ele confessa um episódio da sua juventude em que ele e seus colegas de escola não apenas maltrataram, mas abusaram um outro colega. “A música começava assim, *come areia, come areia*. Era como um ritual, o incentivo enquanto João virava o rosto e tentava escapar dos golpes até não resistir e abrir a boca, o gosto quente e áspero, sola de tênis na cara, e só aí o agressor cansava e os gritos diminuía e João era deixado até se levantar já sozinho, ainda vermelho e ajeitando a roupa e pegando de novo a mochila e subindo de novo as escadas como admissão pública do quanto ele era sujo, e fraco, e desprezível” (LAUB, 2011, p. 20).

Através da narração, o narrador tenta entender por que ele fez isto, por que ele ajudou a torturar e agredir este colega. Diz ele, “A música que você canta porque é só o que pode e sabe fazer aos treze anos: *come areia, come areia, come areia góí filho de uma puta*” (LAUB, 2011, p. 22). Em outro momento, o narrador confessa que nunca de verdade reconciliou-se com este colega: “Sobre João eu fiquei sabendo que: (a) ele nunca contou ao pai que era enterrado na areia todos os dias; (b) ele sempre disse que não chamava nenhum amigo para brincar porque preferia ficar estudando; (c) ele nunca creditou nenhum problema na escola ao fato de ser não judeu, góí” (LAUB, 2011, p. 16).



O romance acaba se desenvolvendo em uma longa reflexão—não apenas uma confissão, mas uma tentativa de analisar sua própria participação no abuso deste colega. Assim, num contexto atual de análise e de auto-análise do comportamento masculino: o romance manifesta-se como uma reflexão sobre a culpa masculina e a escrita surge como uma maneira de reconquistar o afeto— a capacidade de sentir amor, afeição para com o outro.

Em *Inferno Provisório* (2016) de Luiz Ruffato, o olhar do narrador também é voltado para o passado. O livro compõe-se de contos interligados, a maioria publicada anteriormente em cinco volumes e aqui tecidas em uma única narrativa, que seguem a história do país, baseada na região de Cataguases em Minas Gerais, desde os anos 50 até o início do século XXI. Como o livro de Laub, a perspectiva de Ruffato não é nostálgica. Como diz Schøllhammer: “a própria evolução da grande História não resulta em progresso” (RUFFATO, 2016, p. 84). Enquanto o romance “retrata uma questão tradicional na literatura brasileira: o conflito entre o país rural e o país urbano,” “no entanto o destino migratório não é apresentado como uma queda originária” (RUFFATO, 2016, p. 84).

O volume abre com um conto embebido no mundo rural e patriarcal. O jovem narrador, André, presencia o assassinato de sua irmã por seu pai depois que ela é descoberta envolvida com um comerciante itinerante. O pai, descrito como um velho mas “Macho o suficiente para guerrear com uma onça” vai em busca de sua filha e o confronto é chocante: “Vai, desgraçada, vai embora, vai pra bem longe, anda!, berrou, empurrando-a por entre touceiras de capim-gordura; ela, chorando, Pai; ele, apontando a espingarda, Vai, desgraçada, estou mandando; ela, Pai, me perdoa, pai; ele, encostando o cano no seu rosto, Vai, desgraçada, estou mandando; ela, Pai; e pôs-se a correr, desesperada, quando então a explosão de um tiro suspendeu os barulhos da tarde e os empregados, assustados, viram o Pai retrocedendo na direção do cavalo, pegando o enxadão,

Façam uma cova bem funda pros bichos não comerem, é carne minha, e botem uma cruzinha em cima, é carne minha” (RUFFATO, 2016, p. 20).

Os contos que seguem este primeiro retratam as consequências do

- abandono de famílias (“Aquário”; “Zezé e Dinim”), mulheres e crianças, por homens,
- o constrangimento e violência de assédio,
- a violência cometida contra crianças por homens (“Estação das águas” 93; “O profundo silêncio das manhãs de domingo”), e as manchas físicas, psicológicas e emocionais—marcas de abusos, violências e tristezas.

A masculinidade apresentada no livro é uma masculinidade em estresse, em crise—uma masculinidade tentando manter equilíbrio no gume de uma faca mas que acaba se deslizando em várias maneiras. E aí sobre a narrativa também se desdobra a culpa. Por ser um olhar de memórias—a perspectiva da narrativa é voltada para o passado, e a culpa por vezes se manifesta, mas nem sempre. Mais frequentemente, os personagens não são capazes de reconhecer ou sentir culpa. Os personagens homens são figuras desequilibradas, perdem a razão, quase sempre como resultado de uma violência cometida (ou por eles ou por outros contra eles ou que presenciam) (RUFFATO, 2016, p. 70). As narrativas retratam a insegurança masculina (como no conto “A solução”) e o ressentimento por algum ato percebido como uma ofensa contra eles / contra seu orgulho (RUFFATO, 2016, p. 76). O mundo do abuso e da violência doméstica é revelado (82; “Aquário”) como também a doença mental sofrida por homens e mulheres (“O barco” 84; “Roupas no varal”; “Sem remédio”). E ainda outros temas surgem: o desemprego e o alcoolismo (“A expiação”; “Vertigem”), transtorno de ansiedade e síndrome de stress pós-traumático e depressão (“Inimigos no quintal” 112). “Sofria por vê-lo assim, sucumbido, refém de sim mesmo” (“O segredo” 127), e machismo (“Amigos”). As narrativas revelam por um lado uma falta de vergonha e por outro uma superabundância

de culpa. A incapacidade de sentir emoção e amor por outros (“Um outro mundo”). A culpa e o sonho frustrado (“A demolição”; “Milagres”).

O romance retrata as consequências e a destruição causadas pela masculinidade tóxica. Como diz um dos múltiplos narradores: “Sou um homem só...Um homem só no mundo... Perdi minhas antigas referências, a roça, meu sangue, a paisagem da infância... E não acrescentei nada a isso... O que resta do passado? Ruínas...Apenas ruínas...” (RUFFATO, 2016, p. 135). Neste sentido é uma narrativa altamente anti-nostálgica. Diz o narrador do conto “Aquário”: “Eu queria deslembrar minha história. Pensava desmanchar as paredes do meu passado e fundar meu presente sobre novos alicerces” (RUFFATO, 2016, p. 257). Os homens querem escapar do passado.

Para Ruffato e Laub, o caminho para o futuro da masculinidade parece surgir no desenvolvimento de uma capacidade de expressar uma outra forma de masculinidade, nutrida pelo afeto e pela capacidade de ver, reconhecer, e respeitar o outro.

## REFERÊNCIAS

BARKER, Gary, and Irene LOEWENSTEIN. “Where the Boys Are Attitudes Related to Masculinity, Fatherhood, and Violence Toward Women among Low-Income Adolescent and Young Adult Males in Rio de Janeiro, Brazil.” *Youth & Society* 29.2 (1997): 166–196. *yas.sagepub.com*. Web. 30 July 2014.

EASTON, Scott. “Masculine norms, disclosure, and childhood adversities predict long-term mental distress among men with histories of child sexual abuse.” *Child abuse & neglect* vol. 38, 2014, 243–51.

GARDINER, Judith Kegan. *Masculinity Studies and Feminist Theory: New Directions*. New York City: Columbia University Press, 2002.

HALBERSTAM, Judith. *Female Masculinity*. Durham: Duke University Press, 1998.

LAUB, Michel. *Diário da queda*. Companhia das Letras: São Paulo, 2011.

LUCAS, Fábio. “Aspectos da ficção brasileira contemporânea.” *Revista Letras*, 1972, 214–31.

RUFFATO, Luiz. *Inferno provisório*. Companhia das Letras: São Paulo, 2016.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2009.

VALENTE, Luiz Fernando. “Machado’s Wounded Males.” *Hispania* 84.1 (2001): 11–19. *JSTOR*. Web. 30 July 2014.

Recebido em 24/08/2018.

Aceito em 16/08/2018.